

Imagens no ciberespaço: teorias e exemplos de leitura em E/LE

IMÁGENES EN EL CIBERESPACIO: TEORÍAS Y EJEMPLOS DE
LECTURA EN E/LE

Rita de Cássia Rodrigues **OLIVEIRA ***
Cristina de Souza Vergnano **JUNGER ****

Resumo: Este artigo tem como objetivos: (a) caracterizar os conceitos teóricos de ciberespaço e imagens utilizados nas investigações sobre leitura em língua estrangeira mediada por tecnologias da informação e comunicação de uma universidade do Rio de Janeiro e (b) apresentar exemplos e considerações que possam ajudar aos professores na elaboração de atividades de compreensão leitora em espanhol como língua estrangeira, especialmente com apoio de materiais retirados da/difundidos na Internet.

Palavras-chave: Espanhol como língua estrangeira; Leitura de imagens; Leitura na internet.

Resumen: Este artículo tiene como objetivos: (a) caracterizar los conceptos teóricos de ciberespacio e imágenes utilizados en las investigaciones sobre lectura en lengua extranjera mediada por tecnologías de la información y comunicación de una universidad de Río de Janeiro y (b) presentar ejemplos y consideraciones que puedan ayudar a los profesores en la elaboración de actividades de comprensión lectora en español como lengua extranjera, especialmente con apoyo de materiales entresacados de/difundidos en Internet.

Palabras-Clave: Español como lengua extranjera; Lectura de imágenes; Lectura en Internet.

* Mestranda do Instituto de Letras da UERJ. Contato: ritagracinha@yahoo.com.br.

** Doutora em Letras Neolatinas – Língua Espanhola, pela UFRJ. Professora Adjunta do Setor de Espanhol, Depto. Neolatinas, do Instituto de Letras da UERJ. Contato: crisvj@terra.com.br.

Introdução

Os conceitos e teorias aqui apresentados são provenientes de discussões no âmbito de projetos de pesquisa sobre compreensão leitora em língua estrangeira mediada por tecnologias da informação e comunicação (TICs). Tais estudos estão vinculados a uma universidade pública do Rio de Janeiro, integrando o Grupo de Pesquisa LabEV – Laboratório de Espanhol Virtual e contando com subsídios financeiros de agência de fomento. O principal objetivo dessas pesquisas é estudar o processo leitor no contexto da formação inicial e continuada (especialmente de professores) em língua estrangeira. Nelas, observamos e discutimos a leitura mediada por computador e Internet, correlacionada com a atividade leitora já realizada em suportes tradicionais em papel. Trata-se de estudos de caráter exploratório, tendo como principais variáveis em foco: a linearidade/ não linearidade, a virtualidade/materialidade e a multisssemiose.

Alguns dos aspectos da terceira variável estão sendo enfocados em uma investigação de mestrado, como parte das pesquisas do projeto central da equipe dessa instituição. Os objetivos desse recorte são acompanhar e analisar o processamento leitor de professores de E/LE em ambiente virtual, enfocando a leitura ou não leitura de imagens na Internet. Tais objetivos têm a função de nortear a resolução dos problemas de pesquisa, a saber: (a) como se dá a leitura de imagens nos textos de Internet; (b) em que medida essa leitura (ou não leitura) contribui para (ou compromete) a construção do sentido e o alcance dos objetivos estabelecidos pelo leitor. O enfoque de análise escolhido é majoritariamente qualitativo. O *corpus* está sendo formado com os dados observados no acompanhamento do processamento leitor de imagens na Internet, realizado por docentes de espanhol como língua estrangeira – E/LE – convidados a participar como sujeitos.¹ O plano

¹ Optamos por utilizar o termo sujeito no lugar de informante, uma vez que os participantes envolvidos na pesquisa não somente nos darão informações, mas, além disso, atuarão, partilhando suas experiências de leitura no ciberespaço com os pesquisadores.

de acompanhamento das leituras compreende três formas de coleta: (a) por meio dos registros em diários da pesquisadora; (b) pelo auto-registro em protocolo escrito, preenchido pelo próprio sujeito enquanto acessa as páginas web e (c) pelas gravações da navegação feitas pelo programa *gtk-recordMyDesktop*.²

Desse modo, o que se apresenta neste artigo são aspectos conceituais e metodológicos que estão surgindo na medida em que as investigações sobre a terceira variável se desenvolvem. Ao pretender controlar a variável da multissensuária e coletar dados sobre como o sujeito lê imagens na Internet, ou se ele não as lê, é necessário, antes, propor uma categorização para essas imagens. Agrupamos as imagens de acordo com suas características, identificadas pela observação do espaço no qual estão inseridas, utilizando tais categorias. Ou seja, o agrupamento se faz em conformidade com a organização do ciberespaço.

Segundo Primo (2007), sempre que alteramos uma das partes de uma interação, o todo é automaticamente alterado e isso vem acontecendo desde sempre na história da humanidade. Com as imagens não é diferente. Se o suporte de veiculação é outro, a funcionalidade e o modo de receber, ler e perceber as imagens também pode mudar.

A função da imagem também mudou nesse processo. O que era antes uma ilustração passa a ter um papel muito mais central na veiculação da informação. Como coloca Kress (1998), a comunicação dos anos 1990 é multissemiótica e isso pode ser observado tanto nos meios de comunicação de massa – imprensa e televisão – quanto no meio digital. (BRAGA, 2004, p. 164)

Portanto, tanto o texto verbal como o texto visual (as imagens) mudaram de forma, de suporte e de funcionalidade. As imagens que antes funcionavam para ilustrar, vender, decorar, auxiliar o

² Esse programa é um aplicativo do sistema operacional Linux e permite gravar a navegação na Internet dos sujeitos: o movimento do *mouse*, os *sites* e páginas acessados, os sons e a voz emitidos pelo sujeito durante a navegação.

entendimento, entre outros, possuem no ciberespaço, além dessas funções, as de *links*, ícones,³ podendo circular com ou sem o acompanhamento do verbal.

Ao longo deste artigo, abordamos a problemática das imagens na Internet e da leitura em quatro eixos: (a) a relação entre TICs e ensino de E/LE; (b) a caracterização do ciberespaço; (c) o hipertexto e sua influência na leitura e (d) as imagens no ciberespaço.

1 TICs e ensino de E/LE

As discussões em torno de um tema como o das tecnologias da informação e comunicação (TICs) devem ser baseadas na tentativa de compreensão, evitando valorações positivas e/ ou negativas.

Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. (LÉVY, 1999, p. 12)

Nesse sentido, o presente trabalho pretende discutir as interações que ocorrem mediadas pelo computador sem propor qualquer tipo de perspectiva ufanista em relação às TICs. O propósito maior é tentar identificar que características estão relacionadas à leitura de imagens na Internet e associar as TICs ao processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, especificamente o espanhol. No que tange ao ensino de línguas, as Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000b), ou PCNs+, explicitam importância de levar à escola materiais que permitam reflexões críticas sobre as TICs, tendo o aluno como seu usuário.

³ O termo “ícone” está sendo utilizado neste momento segundo a terminologia comum da área de informática e não segundo teorias semióticas. Mais adiante, esse aspecto é discutido com maior atenção.

Impossível não trazer para a escola a linguagem da televisão como objeto de estudo, assim como as linguagens que usam o computador como suporte. A compreensão dos processos empregados na mídia e na internet é uma competência exigida para a preparação do cidadão crítico da atualidade. Trabalhos de ‘tradução’ intersemiótica (poema para quadro; quadro para poema; texto narrativo para filme...) podem auxiliar na aquisição e no desenvolvimento dessa competência analítica. (BRASIL, 2000b, p. 46)

Ao levar esses materiais para a escola, o professor pode agir, ao menos, de duas maneiras: utilizar um laboratório de informática e acessar a Internet *online*, ou retirar dela materiais e levá-los para sala de aula, sem recursos computacionais nem Internet. No caso de uso *online*, é necessário ter em mente que a tecnologia sem metodologia adequada não modifica a realidade de ensino-aprendizagem.

Uma das propostas do Ministério da Ciência e Tecnologia é fomentar “o desenvolvimento de metodologias de ensino baseadas em tecnologias de informação e comunicação contemplando, inclusive, leitura e produção de informação no novo meio” (BRASIL, 2000a, p. 56). No entanto, atualmente, problemas sobre o uso do computador na sala de aula estão sendo noticiados. Enquanto no Brasil, políticas educacionais incentivam a doação de *laptops* para alunos da rede pública, nos Estados Unidos essa disseminação de computadores portáteis entre discentes trouxe transtornos. Como exemplo, temos a reportagem “Mantenha o *laptop* fechadinho!”,⁴ que narra casos de professores destruindo computadores dos alunos e exigindo a não utilização dessas máquinas em sala.

Na segunda possibilidade de uso, que chamamos aqui *offline*, o que se deve observar é a transposição para a sala de aula de um material que, a princípio, não tem função didática, nem foi criado para uso impresso. Professor e alunos devem ter claro que o contexto mudou, bem como sua função e o suporte. E o cuidado com as implicações

⁴ O Globo, Caderno O Globo Digital, 15 de março de 2010, p. 3.

da mudança de suporte se propõe em mão-dupla, isto é, cabem reflexões tanto quando retiramos material do ciberespaço e o introduzimos no Espaço, quanto o contrário – levar ao ciberespaço um texto que possui características originais do Espaço.⁵

[...] no es posible trasladar tal cual un texto en soporte de papel a la pantalla del ordenador sin reflexionar antes sobre una nueva presentación gráfica e, incluso, en ocasiones sobre el contenido del mensaje. Añádanse a todo ello las limitaciones de la tecnología. El tiempo que lleva bajarse páginas que contienen gráficos imaginativos y elementos multimedia es una causa habitual de frustración, y en contextos interactivos puede exacerbar la demora en la transmisión. (CRYSTAL, 2002, 61)

Guimarães & Vergnano-Junger (2008) discutem a transposição de materiais de fontes cotidianas (Internet ou não) para os livros didáticos, tomando as propostas do matemático Yves Chevallard (1985, apud GUIMARÃES; VERGNANO-JUNGER, 2008, p. 536):

Na transposição didática de qualquer material de leitura em língua estrangeira, acreditamos que além dos problemas relacionados à mudança de objeto de uso social cotidiano para uso social escolar, há aqueles relacionados ao processo leitor em si. A leitura do texto transposto é distinta daquela do texto fonte e os papéis que desempenham os alunos (sujeitos que reconstroem a leitura) são igualmente distintos daqueles do leitor pensado originalmente para o texto fonte. Acreditamos que diferentes versões de um texto constituem novos produtos com novos significados. Estes novos significados demandaram uma nova atitude interpretativa do sujeito leitor.

Seja uma transposição ou uma adaptação didática (para sala de aula ou para o livro didático), a estrutura do gênero é alterada quando

⁵ A distinção entre Espaço e ciberespaço se explicita mais adiante.

se traslada um texto de um contexto para outro. Isso pode levar a novos caminhos de compreensão e/ ou interpretação textual.

O fato de levar materiais da Internet para sala de aula proporciona, além de discussões sobre a mudança de gênero discursivo, questões sobre mudança de suporte. A Internet, por exemplo, permite que pessoas de várias partes do mundo acessem os mais variados tipos de textos. Uma proposta de reflexão crítica que transita tanto pela cultura, como pelo gênero e por questões de suporte pode começar a partir dos símbolos para tradução de textos, em que uma bandeira representa um idioma possível de tradução.

Na prática, quando temos um texto em inglês e queremos lê-lo em espanhol ou português do Brasil, observamos as bandeiras da Espanha e do Brasil no canto direito superior dos *sites*. Por que não observamos a bandeira da Argentina, do México ou da Colômbia para representarem o idioma espanhol?



No inglês acontece o mesmo. A bandeira dos Estados Unidos prevalece sempre para representar o idioma inglês, ou, às vezes, a da Inglaterra, mas não a do Canadá e/ ou a da Austrália.



O que parece naturalmente hegemônico para um grupo pode ser arbitrário e preconceituoso para outro. Dada a amplitude de alcance que ganham os textos com sua divulgação na Internet, cabem questionamentos sobre preconceito linguístico, diferenças culturais, hegemonia, relações de poder, origem ou destinatários dos *sites*. Por que a utilização das bandeiras e não outros símbolos para representar idiomas de tradução, entre tantos outros temas possíveis de aula de língua?

Depois do surgimento da hipermídia com seus fluxos e enxurradas de signos enchendo as telas dos monitores, também com as mudanças que estão se instaurando no mundo do marketing, que migra do produto para a imagem da empresa e da marca, e da publicidade para a política, parece estar se tornando cada vez mais necessário compreender em profundidade como os signos agem. Não há nenhum indicador de que os signos irão desaparecer. Ao contrário. É preciso, portanto, entender-lhes as manhas. (SANTAELLA, 2002, p. XVI)

A exemplificação com os questionamentos dos símbolos acima é uma alternativa para que o professor possa trabalhar em sala de aula com materiais e imagens retirados da Internet. É uma possibilidade para que o aluno desvende aos poucos o funcionamento de signos que encontra diariamente no ciberespaço. Outra proposta, partindo também de elementos imagéticos, é avaliar até que ponto a quantidade de estrelas de uma reportagem é percebida pelos alunos/ leitores, se é que eles a percebem.



A reportagem acima foi avaliada com três estrelas, tendendo a quatro. Os números de referência são os seguintes: uma estrela indica que não é interessante; duas, que é pouco interessante; três estrelas informam que a reportagem é interessante; quatro, que é muito interessante e cinco estrelas apresentam uma reportagem que é imprescindível. Cabe questionar com os alunos: quem avalia esses níveis de interesse, para quem e com base em que; como podemos avaliar uma reportagem; se determinada reportagem foi interessante para o aluno e quantas estrelas ele atribuiria para ela; se os objetivos de leitura influenciam na avaliação. A reportagem em questão foi votada por seis leitores. Outro aspecto a considerar, então, é se esse número garante a validade da avaliação para todos os leitores, tendo em vista o alcance dos textos de Internet. São questões que ajudam a pensar sobre o suporte, o gênero, as relações de poder e de autoria, hipertextos, uso e leitura imagens na Internet, entre outros assuntos.

2 O ciberespaço: lugar das imagens

As definições para o termo ciberespaço variam de acordo com a perspectiva que se tem em vista. Pierre Lévy, um dos precursores nas indagações sobre o ciberespaço, define o termo salientando aspectos puramente físicos, ainda que ao longo de sua obra o recurso humano seja também evidenciado como relevante para a constituição do espaço estudado.

Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos dos sistemas de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distinta do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 92-93)

Outros autores defendem uma aparente incerteza que faz parte da Internet, além de seu estado fluido e de sua contínua transformação, que leva a falta de parâmetros.

El mundo de Internet es extremadamente fluido, y sus usuarios exploran sus posibilidades de expresión, introducen nuevas combinaciones de elementos y reaccionan a los desarrollos tecnológicos. Parece hallarse en un estado permanente de transición, donde predomina la falta de precedentes, la lucha por imponer estándares y la búsqueda de una dirección. Prácticamente la única cosa clara es que la gente no tiene claro lo que va a ocurrir. (CRYSTAL, 2002, p. 25)

Compreendendo a complexidade do termo, defendemos que ele seja tratado sob outros enfoques que não somente os técnicos e físicos. Se pensado desde uma perspectiva social, o ciberespaço pode ser caracterizado como a Internet habitada pelos seres humanos, construtores das paisagens. Metaforizando, a Internet é o recurso físico e seus habitantes são os recursos humanos; o ciberespaço é constituído, fundamentalmente, por esses dois elementos. O ciberespaço e, por sua vez, tudo que nele é construído (pensado, manipulado, plagiado, posto, dito, falado, escrito, desenhado, visto, não dito, analisado) influenciam as formas de pensar e agir no Espaço e vice-versa. Entendemos por Espaço o que é externo ao ciberespaço, ou seja, o espaço gerado quando o computador e a Internet são desativados, sem pretender aqui pensar dicotomicamente. Essa aparente separação entre ambos os espaços se dá aqui para fins didáticos. Nas investigações que propomos, entendemos que analisar o modo de ler do professor é analisar, em certa medida, como esse docente interage com ambos os espaços e de que modo a leitura e interação realizadas no Espaço influenciam ou são adaptadas para o ciberespaço.

O fato é que não há como investigar de modo separado ambas as realidades e, por isso, não é muito lógico pensar em ciberespaço *versus* Espaço, pois ambos funcionam como imensos espaços experienciados/ experienciáveis e a ligação entre eles é promovida pelos seres humanos. Pensar no mundo sem Internet hoje e pensar na Internet sem seres humanos é algo inviável. Espaço e ciberespaço estão

em constante interação, não são isolados um do outro e necessitam de seus habitantes para de fato existirem. Por vezes, os dois espaços podem confundir-se, dependendo de como se dá a experiência e o relacionamento entre os seres humanos e esses espaços.

Não é possível estudar com responsabilidade a leitura dos professores de E/LE no ciberespaço, se não for contextualizado quem são esses professores no Espaço; que ações adaptam para o ciberespaço; como, quando, por que e para que habitam o ciberespaço e o Espaço; até que ponto e de que forma conseguem visualizar esses espaços.

Royo (2004), reconhecendo a complexidade entre o Espaço e o ciberespaço, retoma as noções de ambientes ⁶ propostas por Echeverría (1999). Este autor entende o mundo habitado pelo homem como tendo três ambientes. Chama de ‘primer entorno’ o nosso corpo biológico, físico, psíquico, juntamente com os cinco sentidos vitais. O ‘segundo entorno’ já não está no âmbito natural, mas sim social e cultural, ou seja, são nossas roupas, a escola, o mercado, o dinheiro, as diferentes formas de governo. O ‘tercer entorno’ é a cidade moderna, que admite as mais diversas modalidades de atividades e conflitos e que não existiria sem sete tecnologias, a saber: o telefone, o rádio, a televisão, o dinheiro eletrônico, as redes telemáticas, os meios multimídias e o hipertexto.

Adaptando as ideias supracitadas, Royo (2004) propõe quatro grupos de características do ciberespaço, conforme explicitamos a seguir:

- a) as intrínsecas indicam que o meio é artificial, tendo a interdependência de várias tecnologias (eletricidade, design, softwares, hardwares).
- b) as espaciais apontam que há possibilidade de ampliar as distâncias físicas. Também se nota a ampliação do ciberespaço, uma vez que o número de domínios ativos cresce a cada dia. A mobilidade é reticular e a organização é hipertextual.
- c) as temporais são as que parecem fazer o tempo se multiplicar. O aspecto multicrônico se evidencia quando os seres humanos podem interagir com as ferramentas sem necessariamente

⁶ Utilizamos o termo ambiente para traduzir o termo espanhol “entorno”.

estarem na presença delas. A reversibilidade das ações, por exemplo, observa-se nos comandos ‘voltar’ e ‘desfazer’ na edição de documentos. A compressão parece ser característica espacial, mas é devido ao menor espaço que temos maior velocidade de navegação sendo, a compressão um aspecto temporal.

- d) as culturais/ sociais porque o ciberespaço é o lugar social e cultural simulado por excelência, onde a bisensorialidade ainda não foi superada (até o momento, nenhum computador e/ou software conseguiu tornar possível a utilização dos cinco sentidos de uma só vez) e onde o global é ratificado com a desterritorialização de informações. Lugar em que os usuários possuem um cotidiano de ações executáveis/ executadas. Lugar de integração semiótica em que som, texto, imagem, vídeo são reduzidos a *bits*.

Tendo em vista as propostas de Royo e Echeverría, a complexidade do ciberespaço fica evidente, bem como sua interação com o Espaço, promovida pelos seres humanos. Estudar isoladamente um desses elementos é menosprezar a seriedade que o tema exige. Dessa forma, pretender investigar a leitura no ciberespaço não pode deixar de considerar que os sujeitos já liam no Espaço e que muitas estratégias de leitura foram aproveitadas e/ou adaptadas para o ciberespaço.

3 A organização do ciberespaço: o hipertexto e sua influencia na leitura

Apesar de figurar em diversos âmbitos sociais como inovação tecnológica, o conceito de hipertexto não é novo e nem todos os usos hipertextuais surgiram com a disseminação dos computadores pessoais ou PCs. No entanto, reconhecemos que o hipertexto no ciberespaço tem suas potencialidades ampliadas. Marcuschi (2007) evidencia que não há novidade quanto à noção de hipertexto e que, atualmente, as discussões giram em torno de perguntas como: “Hipertexto é texto?” “Hipertexto é gênero?” “Todo texto é um hipertexto?” Ainda segundo o autor, para tais interrogações não existe um consenso ou noções definidas. Cada teoria justifica seu enfoque tendo em vista as características hipertextuais.

Uma caracterização ‘antropológica’ de hipertexto é apontada por Manovich (2006). Ele elabora uma linha de raciocínio que traz para o hipertexto a responsabilidade por uma utopia de sociedade ideal composta por indivíduos únicos. Nesse sentido, o hipertexto é o gerador dos caminhos de leitura únicos,⁷ da recepção única de informação e tudo dependerá exclusivamente das escolhas dos habitantes do ciberespaço. Ou seja, cada sujeito é único e tem sua liberdade de escolhas respeitada, uma liberdade que não é somente tida (com sentido de posse), mas também, exercida. Uma atitude é traduzida em algo produtivo, suas escolhas e ações são livres e raramente coincidem com a de outras pessoas.

Uma definição mais clássica está em Royo (2004). Segundo este autor, os códigos linguísticos com os quais interagimos no ciberespaço podem ser didaticamente divididos em: a) códigos visuais: escrita alfabética e não alfabética e as imagens fixas; b) códigos sonoros: os sons; c) códigos sequenciais: imagens em movimento e a hipertextualidade. A partir dessa estruturação dos códigos, ele define o termo hipertexto como “el sistema de elementos sensibles (de ser pulsados) ya sean en forma visual, sonora o secuencial, mediante los cuales nos dirigimos hacia otros espacios de información. Son los nódulos que unen todas las informaciones en el ciberespacio” (ROYO, 2004, p. 106).

O enfoque dado ao hipertexto neste artigo, ainda que reconheça a existência de outros,⁸ entende-o como uma forma de organização da informação, que permite dois tipos diferentes de desempenho leitor:

⁷ “Únicos” é usado aqui como sinônimo de leituras não coincidentes. Não se quer com esse adjetivo colaborar para a hipótese de que, mediante a hipertextualidade do ciberespaço e do Espaço, só exista uma maneira única de ler. Ao contrário, há várias possibilidades de leitura. Esse adjetivo se refere aos indivíduos singulares entre si, e que, nesse sentido, terão leituras únicas, próprias.

⁸ Snyder (1998) apresenta os hipertextos abertos e fechados, se classificados mediante o tipo de navegação que permitem a quem acessa os *sites*, e os hipertextos de leitura e de leitura e produção, se pensados quanto ao tipo de interação que possibilitam aos usuários. Considerando essa classificação, este artigo propõe classificação semelhante ao segundo grupo de Snyder.

(a) hipertexto organizacional ou de leitura, ou seja, auxilia a delinear os caminhos de leitura possíveis dentro de uma página *web* ou um *site*, são os *links* propriamente ditos; (b) hipertexto de leitura e produção, isto é, permite que o leitor adicione comentários, introduza um vídeo, faça sugestões, entre outras atividades. Essa segunda forma de hipertexto não deixa de ser organizacional. No entanto, traz ao leitor a possibilidade de colaborar *online*⁹ e, em certa medida, essa colaboração é uma forma de polifonia – conceito bakhtiniano que Marcuschi (2007, p. 157) engloba como propriedade essencial da constituição do hipertexto.

Nesse sentido, o desempenho ‘a’ não é nenhuma novidade, pois uma leitura hipertextual, ou seja, deslinearizada, foi possível mesmo tendo os textos impressos. Observar uma figura que acompanha um texto, verificar a nota de rodapé, iniciar a leitura pelo capítulo que atenda melhor os objetivos de leitura, ler as referências antes de qualquer parte do texto são formas de leitura deslinearizada, que não obedece uma sequência exclusiva e única de leitura.

Muito se tem estudado sobre o hipertexto com o foco nele mesmo e no sistema. Mas poucos são os estudos que se dedicam ao hipertexto tendo em vista o leitor/ navegador e suas condições de acesso, leitura e cultura. Marcuschi (2007) menciona autores que acreditam nos estudos de hipertexto com enfoque no indivíduo. Afirma que tais investigações são essenciais para analisar as demandas dos processos de compreensão, cognição e coerência. Acrescentamos que dita coerência não se estabelece apenas como fator local do texto, necessita da coesão. Atualmente, tem-se a macrocoerência como derivada da produção hipertextual no ciberespaço. Produção esta que, por vezes, parece desconsiderar os processos de inferência, causando o *stress do hipertexto*.

Aspecto importante e não bem explorado é o que diz respeito à coerência no hipertexto. Já que a coerência tem papel crucial

⁹ O termo *online* aqui se refere ao ato de colaborar que é instantâneo, e não necessariamente à aceitação da colaboração. Isso porque nem todos os comentários são aceitos pelos *sites*, dependendo de revisão e posterior autorização para serem publicados.

na ordenação dos conteúdos, e tendo em vista que o hipertexto não apresenta relações semânticas ou cognitivas imanentes porque liga textos diversos, podem ocorrer ligações incoerentes na sequenciação de unidades textuais. E isto pode afetar de modo irremediável a compreensão. Na realidade, é um mito a expectativa da associação natural entre um item e um bloco textual suposta pelos teóricos do hipertexto. [...] o leitor deverá providenciar o preenchimento de lacunas com inferências. Para realizar essa tarefa de preenchimento ou inferenciação, o leitor deve investir conhecimentos pessoais prévios. O grande problema é o tipo de suposição cognitiva que os produtores de hipertexto devem fazer para possibilitar a um grande número de leitores com conhecimentos e interesses diversos o acesso rápido e seguro as informações desejadas. Este é o foco do acima designado *stress cognitivo* do hipertexto. (MARCUSCHI, 2007, p. 166)

Parte desse *stress* se dá devido à falta de manutenção de unidade temática no texto, muitas vezes ocasionada pelos *links*, que, segundo Pinheiro (2005), juntamente com as imagens, tornam possível a leitura descendente ou *top-down*. Quanto mais *links* apresentar uma página *web*, mais difícil será compreender as ligações implícitas entre as ideias. “Assim, os links devem servir como nexos intertextuais e contribuir para facilitar a compreensão. Quando isso não ocorre, a compreensão fica comprometida” (PINHEIRO, 2005, p. 142-143). A mesma autora afirma também que, de acordo com os estudos que realizou sobre estratégias de leitura de hipertextos, os leitores investigados (todos proficientes) preferiram textos com imagens, já que elas auxiliam a compreensão, diminuindo o *stress* cognitivo. Essa preferência dos leitores pelas imagens pode ser questionável na medida em que temos *sites*¹⁰ (ver figuras a seguir, respectivamente, sem imagens e com imagens), por exemplo, em que o leitor pode escolher ler o conteúdo com imagens ou sem elas.

¹⁰ <http://www.analitica.com/bitiblioteca/home>

La BitBiblioteca, Contenido sin imágenes - Mozilla Firefox

Inicio | Quié | Sobre | Legal | Histórico | Favoritos | Zonas | Comentarios | Ayuda

https://www.analis.com/bitboteca/home/contenido_sin_imagenes.asp

Google

La BitBiblioteca, Autores en La BitBiblioteca

BitBiblioteca
Biblioteca electrónica - Caracas, Venezuela
Inicio | Comentarios | Comentarios a la BitBiblioteca | Contacto

Autores en La BitBiblioteca (sin imágenes)

Acción Democrática **Hannah Hernández Loter**

Yoel Anasta Chirinos, Iraciano Anas Cárdenas y Jesús Urdaneta Hernández **Roberto Hernández Montoya**

Manizales **Hindrya Hernández Cáceres**

- Rueda de prensa y Declaración de Misericordia** **Jairo Hernández**
- La Homenaje**

Las Aguilas **Victor Hugo**

- Una ideología del terror (sobre el Manifiesto comunista)**
 - Los miserables** (pdf: 3.3 Mb)
 - Los miserables** (doc: 1.5 Mb)
- Isabel Huidobro**

Pedro Pablo Aguilar **Alejandro von Humboldt**

- En defensa del estado de derecho**
- Los problemas de la América**

Arani Rubén Abarenán

https://www.analis.com/bitboteca/home

La BitBiblioteca, Autores en La BitBiblioteca - Mozilla Firefox

Inicio | Quié | Sobre | Legal | Histórico | Favoritos | Zonas | Comentarios | Ayuda

https://www.analis.com/bitboteca/home/contenido_esp

Google

La BitBiblioteca, Autores en La BitBiblioteca

BitBiblioteca
Biblioteca electrónica - Caracas, Venezuela
Inicio | Comentarios | Comentarios a la BitBiblioteca | Contacto

Autores en La BitBiblioteca

Acción Democrática **Hannah Hernández Loter**

Yoel Anasta Chirinos, Iraciano Anas Cárdenas y Jesús Urdaneta Hernández **Roberto Hernández Montoya**

- Rueda de prensa y Declaración de Misericordia**

Las Aguilas

- Una ideología del terror (sobre el Manifiesto comunista)**

Pedro Pablo Aguilar

- En defensa del estado de derecho**

Arani Rubén Abarenán

Roberto con su hijo Maximiliano en los jardines del Centro de Arte La Tolerancia, Caracas.



Concluye

Essa opção disponibilizada pelo novo suporte permite questionar até que ponto as imagens realmente diminuem o *stress* cognitivo. Se é facultado navegar sem a presença de imagens na página *web*, podemos lançar a hipótese de que, nem sempre, elas favorecem a compreensão. Essa hipótese poderá ser discutida e verificada na medida em que aplicamos os protocolos de coleta de dados em nosso estudo e controlamos a variável multissemiótica.

4 As imagens no ciberespaço

As imagens estudadas neste artigo pertencem ao grupo que Santaella (2005) denomina de representações visuais, ou seja, do domínio de estudo da Ciência Semiótica, do porte de objetos materiais, signos. São, portanto, tomadas diferentemente das representações mentais, que pertencem à área da Ciência Cognitiva e que se encaixam na perspectiva imaterial, ou seja, as imaginações dos seres humanos, as visões que se formam na mente.

Para dar conta de categorizar e entender algumas imagens na e da Internet foi necessário recorrer a noções da Semiótica de Peirce (apud SANTAELLA, 2002), especificamente a sua teoria geral dos signos. Santaella (2002, p. xiii) alerta que a teoria de Peirce não é uma mera classificação de signos, mas sim padrões que incluem problemas de ordem epistemológica e ontológica dos signos. “[...] a arquitetura filosófica peirceana, de que a semiótica é apenas uma parte, constitui-se numa vastíssima fundação para qualquer tipo de investigação ou pesquisa de qualquer espécie que seja.” Ainda que seja reconhecidamente uma teoria abrangente e abstrata, sua aplicação aos signos no ciberespaço é possível graças ao diálogo com teorias mais específicas. Por exemplo, na tentativa de categorizar as imagens que o senso comum e a nomenclatura informática chamam de ícones (que se forem analisadas sob as noções da Semiótica de Peirce, são símbolos, já que se submetem à convenção social), além de buscar auxílio nas aplicações e teorias semióticas peirceanas, também utilizamos conceitos do *design* digital¹¹ a fim de entender a contextualização desses ícones, doravante símbolos.

¹¹ Utilizados para avaliar a acessibilidade e a usabilidade de *interfaces* informáticas.

Em suma, a semiótica funciona como um mapa lógico que traça as linhas dos diferentes aspectos através dos quais uma análise deve ser conduzida, mas não nos traz conhecimento específico da história, teoria e prática de um determinado processo de signos. Sem conhecer a história de um sistema de signos e do contexto sociocultural em que ele se situa, não se pode detectar as marcas que o contexto deixa na mensagem. (SANTAELLA, 2002, p. 6)

Nos textos de Internet, é perceptível a utilização convergente de sons, imagens estáticas e em movimento, ou seja, observamos a multissemiose.

A imagem ocupa um lugar cada vez mais central no âmbito da comunicação [...]. A comunicação veiculada pela tela do computador incorpora essa tendência geral de diferentes formas. Por um lado, os limites impostos pela tela criam a necessidade de uma estrutura mais sintética, favorecendo o uso de recursos gráficos e, por outro, as novas tecnologias para confecção de páginas eletrônicas ou textos facilitam a combinação de diferentes linguagens no ambiente de hipermídia. (BRAGA, 2004, p. 164)

Essa ampla oferta de possibilidades de imagens não significa que elas são vistas criticamente, ou lidas.

[...] una serie de variaciones tipográficas y cromáticas que superan con mucho al bolígrafo, la máquina de escribir y al primitivo procesador de textos, así como una amplia gama de opciones disponibles para una edición convencional como son el texto animado, los vínculos de hipertexto, los soportes multimedia (sonido, vídeo, película, etc.). Por otro lado, como han señalado con frecuencia los diseñadores gráficos y los tipógrafos, el hecho de que todo el mundo pueda acceder a este nuevo lenguaje visual no garantiza que todo el mundo lo utilice bien. (CRYSTAL, 2002, p. 61)

Souza (1997)¹² afirma que a “Enquanto a leitura da palavra pede uma direcionalidade (da esquerda para a direita), a da imagem é multidirecionada, dependendo do olhar de cada leitor”. Cada leitor, de acordo com seus objetivos e considerando seus conhecimentos prévios busca caminhos distintos. Isso não significa leituras infinitas, dado que tanto imagens (textos visuais) como textos verbais oferecem ao leitor elementos coercitivos. Isso quer dizer, apenas, que há leituras diferentes, variadas, múltiplas.

Para estudar as imagens em novos suportes, buscamos referências bibliográficas específicas, mas não encontramos estudos que sistematizassem¹³ as imagens nos/dos novos suportes ou que discutissem no contexto do E/LE as implicações da imagem em meio virtual para a compreensão leitora. Cabe ressaltar que propomos analisar imagens desde o ângulo da significação, e não da emoção ou do prazer estético, conforme (JOLY, 1996). Seguindo esse princípio, damos ênfase à abordagem semiótica, ou seja, “tentar ver se existem categorias de signos diferentes, se esses diferentes tipos de signos têm uma especificidade e leis próprias de organização, processos de significação particulares” (JOLY, 1996, p. 29).

Nesse sentido, adotamos quatro categorias, segundo os papéis/ funções que a imagem ocupa nos materiais disseminados na rede e disponíveis para leitura:

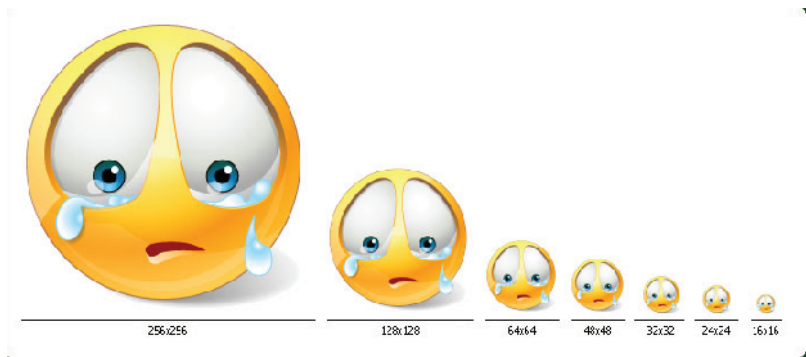
- a) imagens que apontam para procedimentos (ir para *home*, voltar, avançar, acessar *link* etc);



¹² Comunicação proferida por Tânia C. Clemente de Souza no 2º Colóquio Latinoamericano de Analistas del Discurso, Buenos Aires, agosto de 1997. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/tania1.htm>, acessada em 15-09-2008.

¹³ Não contamos com a análise do catálogo da página do ISO 2007 (ISO/IEC – TR 19765 -2007), pois a disponibilização gera alto custo. Este é uma enumeração de ícones e símbolos mundiais que devem ser utilizados em cada *interface* gráfica para atender aos critérios de usabilidade e acessibilidade.

b) imagens/recursos tipográficos que tentam resgatar aspectos da interação conversacional, como os emoticons, o uso de caixa alta, de negrito, de sublinhado etc;



c) imagens acessórias ou complementares de textos verbais, como a fotorreportagem e a infografia a seguir;



Rebrote de Gripe A con un caso fatal:

DESHIELO EN EL POLO NORTE en Verano

Diseño: algunosistas.ev9nole.com

El aumento de la temperatura derrite el hielo, el cual se recupera menos en invierno y comienza a fundirse antes en primavera.



Región del Ártico 1970	Región del Ártico 2005	Región del Ártico 2100
7,6 millones de km ²	5,3 millones de km ²	Casi inexistente
6,5% del deshielo por década	8% del deshielo por década	
Escala 1:39.000.000	Escala 1:39.000.000	Escala 1:39.000.000
	1000 veces la superficie de España	

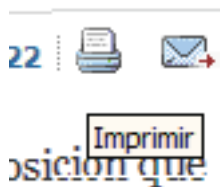
d) imagens que são em si o texto cujos sentidos devem ser reconstruídos.



Podemos englobar as imagens do ciberespaço, especificamente as do primeiro grupo, no que Joly (1996), tendo em vista as teorias de Peirce, classifica como ícone, mas que ao mesmo tempo possuem como característica dominante a convenção social, fator decisivo para que várias pessoas compreendam a mesma imagem e consigam identificar o que ela quer transmitir. Desse modo, o ícone passa a símbolo, uma vez que, como o próprio Peirce aponta, não existe signo puro, mas características que predominam.

Não se deve esquecer que, se qualquer imagem é representação, isso não implica que ela utiliza necessariamente regras de construção. Se essas representações são compreendidas por outras pessoas além das que as fabricam, é porque existe entre elas um mínimo de convenção sociocultural, em outras palavras, elas devem boa parcela de sua significação ao seu aspecto de símbolo, segundo a definição de Peirce. A teoria semiótica permite-nos captar não apenas a complexidade, mas também a força da comunicação pela imagem, apontando-nos essa circulação da imagem entre ‘semelhança, traço e convenção,’ isto é, entre ‘ícone, índice e símbolo’ (JOLY, 1996, 40).

Seguindo a proposta de Royo (2004), que investiga as leis do *design* para Internet, há uma redundância obrigatória nos ícones (adotando a nomenclatura usual da informática) do ciberespaço. Grande parte deles conta com uma espécie de legenda, ou seja, a mesma informação aparece de forma verbal e gráfica (conforme observamos na figura abaixo, que conta com o ícone que indica impressora e uma legenda ‘imprimir’).



Os ícones no ciberespaço são desenhados de forma a atender critérios mínimos de usabilidade. Destacamos alguns critérios de acordo com os ensinamentos da área do design para Internet, tendo apoio na proposta de Royo (2004, p. 161-164).

a) Os ícones encerram significados concretos e representam frases completas como voltar ou jogar na lixeira. A primeira imagem abaixo pode ser lida como ir para a esquerda, desfazer e voltar. As outras, segundo critérios atuais de usabilidade, permitem a visualização de uma ação. Além de indicar uma seta, o movimento sugerido com uma curvatura, permite que o usuário descarte a leitura “ir para a esquerda”.

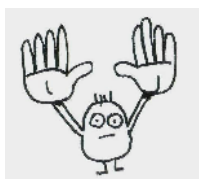


b) Há as imagens que são padrões porque a sua ampla utilização e reconhecimento fácil por parte do usuário, como a lixeira, o x para fechar, o envelope para enviar *e-mail*, o carrinho de compras, a impressora, etc. Não é necessário outro design para tais ações.



c) A usabilidade permite que haja redundância de comunicação no desenho dos ícones, pois grande parte deles conta com uma espécie de legenda, ou seja, a mesma informação aparece de forma verbal e gráfica (conforme visualizado no símbolo da

impressora). Essa redundância é devida à falta de resistência dos elementos que a informática chama de ícones perante aspectos de multiculturalidade. Royo (2004, p. 163) exemplifica com o simples gesto de levantar as mãos com a palma para fora. Na Espanha, isso pode ser uma saudação, mas na Grécia isso é um insulto, ou seja, a redundância textual e gráfica dos ícones visa a ampliar a multiculturalidade sem abrir mão do design que é quase padronizado. Há sistemas que adotam como ícones de alerta uma placa com a palavra *stop* ou, no lugar do *stop*, desenham uma mão com a palma para fora.



Esse tipo de desenho pode trazer interpretações equivocadas dependendo do território em que esse sistema seja utilizado. Conhecer o contexto cultural e territorial para o qual são desenhados os ícones é fundamental para gerá-los sem problemas para quem deverá compreendê-los. Muitas vezes, é necessário utilizar metáforas gráficas para que a ação ou o objeto sejam compreendidos adequadamente.

Esses critérios são importantes para o desenvolvimento da pesquisa sobre leitura de imagens na Internet na medida em que permitem contextualizar os signos tidos como ícones. Desse modo, podemos entender possíveis problemas de leitura que os sujeitos possam apresentar durante a coleta de dados. Problemas que, dependendo do respeito aos critérios apresentados, não partem dos sujeitos, mas sim dos signos que são lidos.

Conclusão

Este artigo pretendeu contextualizar os estudos que estão sendo desenvolvidos no âmbito dos projetos de pesquisa de uma universidade pública do Rio de Janeiro, voltados para a compreensão leitora mediada por tecnologias da informação e comunicação em espanhol como língua estrangeira. O seu foco se direciona às investigações sobre imagens no ciberespaço. As propostas apresentadas visaram principalmente a trazer à discussão formas críticas de lidar com as imagens, de percebê-las na Internet e de partir delas para gerar questões de compreensão leitora no âmbito do ensino de línguas.

Uma vez que as pesquisas aqui mencionadas encontram-se em fase inicial, não apresentamos resultados concretos sobre os processos leitores dos sujeitos participantes. No entanto, entendemos que a base teórica e as reflexões sobre conceitos relacionados ao objeto em estudo constituem uma etapa fundamental do processo. São, também, uma primeira contribuição à atividade meta-educativa que todo professor deve desenvolver desde o planejamento até a avaliação em sua atividade docente. Objetivamos não apenas ressaltar categorias, mas exemplificá-las de modo a favorecer seu reconhecimento e aplicação no âmbito do ensino-aprendizagem de E/LE associado ao uso das TICs.

Sendo assim, assumimos que:

- a) a leitura no ciberespaço mantém relação com aquela desenvolvida no Espaço e que seu traço de união está nos indivíduos que habitam ambos os espaços;
- b) as imagens são hoje presença frequente e marcante nos meios de comunicação, demandando processo leitor, tanto quanto os textos verbais, admitem múltiplas leituras e sofrem influência de aspectos socioculturais;
- c) as imagens na Internet podem ser classificadas e incluídas em categorias, segundo suas características e funções: ícones de procedimentos, resgates de aspectos conversacionais, complementos de textos verbais ou textos em si.

Cabe, portanto, investir no desenvolvimento de teorias e práticas que fomentem o aperfeiçoamento da leitura em LE, mediada pelas TICs, com atenção também aos papéis e especificidades dos elementos não verbais.

Referencias

BRAGA, D. B. Linguagem pedagógica e materiais para aprendizagem independente de leitura na *web*. In: COLLINS, H.; FERREIRA, A. (Orgs) **Relatos de experiências de ensino e aprendizagem de línguas na internet**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 157-184.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Sociedade da Informação no Brasil, 2000** – Livro Verde. 2000a. Disponível em: <http://www.inst-informatica.pt/servicos/informacao-e-documentacao/biblioteca-digital/gestao-e-organizacao/BRASIL_livroverdeSI.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2010.

_____. Ministério da Educação. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 2000b.

CRYSTAL, D. **El lenguaje e Internet**. Madrid: Cambridge University Press, 2002.

ECHEVERRÍA, J. **Los señores del aire**: Telépolis y el tercer entorno. Barcelona: Destino, 1999.

GUIMARÃES, M. C.; VERGNANO-JUNGER, C. S. Transposição didática: a passagem de textos do ambiente virtual aos livros didáticos de espanhol. In: SANT'ANNA, V. L. de A.; VERGNANO-JUNGER, C. de S.; FERREIRA, A. M. C. (Orgs). **Hispanismo 2006**: língua espanhola. Rio de Janeiro: UERJ/ Rede Sirius/ABH, 2008. p. 533-539.

JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem**. São Paulo: Papyrus, 1996.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 6. reimp. Trad.: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2007 [1999].

MANOVICH, L. **El lenguaje en los nuevos medios de comunicación**: la imagen en la era digital. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PINHEIRO, R. C. Estratégias de leitura para a compreensão de hipertextos. In: ARAUJO, J. C.; RODRIGUES, B. B. (Orgs) **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005. p. 131-146.

PRIMO, A. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulinas, 2007.

ROYO, J. **Diseño digital**. Barcelona: Paidós, 2004.

SANTAELLA, L. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SNYDER, I. (Org.) **Page to screen: talking literacy into the electronic era**. Nova York; Londres: Routledge, 1998.